

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO DO INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA, SOBRE AS PRÁTICAS RESTAURATIVAS¹

SOCIAL REPRESENTATIONS OF PUBLIC SERVANTS OF INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA ON RESTAURANT PRACTICES

Nadia Beatriz Casani Belinazo²
Clodoveo Ghidolin³
Isabel Cristina Martins Silva⁴

Resumo

Este estudo versa sobre as representações sociais dos Técnicos Administrativos em Educação (TAEs), do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar), que fizeram o curso Básico de iniciação em Práticas Restaurativas, no primeiro semestre, do ano de 2018. As práticas restaurativas objetivam melhorar os relacionamentos e colaborar para a construção de uma sociedade inclusiva, empática e pacificadora. Com esta pesquisa objetiva-se verificar se alteraram as representações sociais e no que a formação contribuiu (ou não) nas atividades cotidianas dos servidores. Justifica-se esta pesquisa pela relevância da temática no que se refere ao tratamento de conflitos, proposição de práticas restaurativas e na construção de uma cultura de paz em todos os ambientes, principalmente no meio educacional. A hipótese inicial é de que a formação, apesar de breve e de ser considerada iniciação em práticas restaurativas, tenha conseguido sensibilizar e subsidiar os servidores para a realização dos círculos restaurativos, no tratamento de conflitos e prevenção as violências. A área de concentração da pesquisa é: Cidadania, Políticas Públicas e Diálogo entre Culturas Jurídicas e a linha de pesquisa é: Constitucionalismo e Concretização de Direitos. A metodologia da pesquisa se assenta no método qualitativo dedutivo, constituído de pesquisa bibliográfica acerca das categorias de análise. O procedimento utilizado para coleta de dados foi o questionário. Com este estudo foi possível alinhar os entendimentos sobre as categorias de análise relacionando diretamente com as ações cotidianas dos TAEs.

Palavras-chave: Educação. Práticas Restaurativas. Representações Sociais.

Abstract:

This study deals with the social representations of the public servants in education of the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar), who took the Basic Course of Restorative Practice in the first semester of 2018. Restorative practices aim to improve relationships and collaborate in building an inclusive, empathetic and peaceful society. This research aims to verify if they changed the social representations and how the training contributed (or not) in the daily activities of the servants. This research is justified by the relevance of the theme with regard to the treatment of conflicts, proposition of restorative practices and the construction of a culture of peace in

¹ Artigo – requisito para aprovação no Curso de Especialização em Justiça Restaurativa e Mediação de Conflitos no Âmbito Público e Privado - FADISMA.

² Graduada em Pedagogia (2007) e Mestre em Educação (2010) pela UFSM. TAE do IFFar.

³ Orientador – Graduado em Filosofia pela UCPel. Mestrado em Filosofia pela UFSM. Doutor em Filosofia pela UFSM. Professor Adjunto da Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA).

⁴ Coorientadora – Professora da FADISMA. Coordenadora do Curso de Especialização em Justiça Restaurativa e Mediação de Conflitos no Âmbito Público e Privado – FADISMA. Graduada (2009) em Direito pela Faculdade Metodista de Santa Maria. Assessora de Promotor de Justiça na Promotoria de Justiça Regional de Educação de Santa Maria – PREDUC, do Ministério Público do Rio Grande do Sul.

all environments, especially in the educational environment. The initial hypothesis is that the training, although brief and considered initiation level in restorative practices, was able to sensitize and subsidize the servants for the realization of restorative circles, conflict treatment and violence prevention. The research focus area is: Citizenship, Public Policy and Dialogue between Legal Cultures and the research line is: Constitutionalism and Realization of Rights. The research methodology is based on the qualitative - deductive method, consisting of bibliographic research about the categories of analysis. The procedure used for data collection was the questionnaire. With this study it was possible to align the understanding on the categories of analysis directly related to the daily actions of these public servants.

Keywords: Education. Restorative Practices. Social Representations

Introdução

Este estudo tem a intenção de verificar quais são as representações sociais e o quanto o Curso Básico de Iniciação em Práticas Restaurativas alterou o entendimento e as ações dos TAEs⁵, do IFFar⁶, que participaram da formação. O Curso Básico de Iniciação em Práticas Restaurativas foi ofertado, no primeiro semestre de 2018, realizado na reitoria, em Santa Maria. As práticas restaurativas objetivam melhorar os relacionamentos e colaborar para a construção de uma sociedade inclusiva, empática e pacificadora. O programa do curso tinha como objetivos: formar lideranças em Justiça Restaurativa; embasar teoricamente os facilitadores e multiplicadores de Práticas Restaurativas; apoiar a Criação de Grupos de Estudos e Difundir a Implantação da Justiça Restaurativa. O curso foi organizado em cinco encontros, aos sábados, com 8h/aula a cada encontro, totalizando 40h.

A formação foi uma iniciativa e promoção da Coordenação de Ações Inclusivas (CAI) e do GT de elaboração da Política de Não Violência do IFFar. Foram enviados os convites a onze *campi*, do IFFar, para que indicassem dois participantes de cada campus. Participaram do curso 22 servidores, sendo dez docentes com diferentes formações e atuações (Administração, Biologia, Direito, Educação Especial, Engenharia, Física e Letras) e doze TAEs: Assistente Social, Contador, Pedagogo, Psicólogos, Tradutor e interprete de Libras, Secretaria Executiva e Técnicos em Assuntos Educacionais.

Com essa pesquisa objetiva-se verificar se alteraram as representações sociais e no que a formação contribuiu (ou não) nas atividades cotidianas dos servidores. Justifica-se essa pesquisa pela relevância da temática no que se refere ao tratamento de conflitos, proposição de práticas restaurativas e no compromisso educacional para a construção de uma cultura de paz. A hipótese que impulsionou a pesquisa é de que a formação, apesar de breve e de ser

⁵ Técnico Administrativo em Educação – Sigla: TAE.

⁶ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha – Siglas: IFFar ou IFFarroupilha.

considerada iniciação em práticas restaurativas, tenha conseguido constituir um arcabouço de conhecimentos para que os servidores facilitem os círculos restaurativos no IFFar.

O instituto é constituído da reitoria em Santa Maria e onze *campi*⁷ em diferentes municípios (Alegrete, Frederico Westphalen, Jaguari, Júlio de Castilhos, Panambi, Santa Rosa, Santo Ângelo, Santo Augusto, São Borja, São Vicente do Sul e Uruguaiana). Para este estudo, foram convidados a colaborar os servidores TAEs, tendo em vista a natureza dos cargos, que em síntese devem facilitar o processo comunicativo da comunidade escolar, assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão; assistir às equipes gestoras, gerenciar informações e dados e executar as tarefas administrativas. Os TAEs são os responsáveis, conforme previsto no rol de atribuições de servidores públicos, por encaminhar e tratar questões relativas ao assessoramento e à assistência (a gestão, aos docentes, aos discentes e a comunidade em geral). A especificidade e particularidade das atividades não afastam os servidores do contato, interação e mediação de relacionamentos, seja entre os estudantes e seus pares ou entre os colegas servidores, ao contrário, nos diversos setores do instituto são acolhidas diferentes situações que necessitam da intervenção, mediação, acolhida e encaminhamentos de demandas relacionadas à fragilidade de relacionamentos.

Entende-se que nas ações cotidianas dos TAEs devem ser acessados conhecimentos e práticas que se relacionam às práticas restaurativas. Por isso, escolheu-se neste momento, solicitar a colaboração destes servidores para realizar o estudo aqui proposto. Assim, foram convidados a responder ao questionário os doze TAEs que participaram do curso, e atuam em diferentes setores do instituto: Setor de Assessoramento Pedagógico – SAP; Coordenação de Assistência Estudantil – CAE; Setor de Saúde; Assistência Social e Psicologia; Coordenação de Ações Inclusivas – CAI e Gabinete da Reitoria. Aceitaram participar da pesquisa, dez TAEs, o que se entende ser uma representação aceitável para este momento da pesquisa, lotados na Reitoria em Santa Maria e nos seguintes *campi*: Alegrete, Júlio de Castilhos, Santa Rosa, Santo Ângelo, Santo Augusto, São Vicente do Sul.

A metodologia da pesquisa se assenta no método qualitativo – dedutivo, constituído de pesquisa bibliográfica acerca das categorias de análise. “O objetivo fundamental das pesquisas é descobrir respostas para problemas mediante o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, que utilizando diferentes metodologias permite a

⁷ A palavra *campi* significa o plural de *campus*, é de origem latina e significa “um conjunto universitário que agrupa unidades de ensino, de investigação científica ou tecnológica”. Nota informativa nº 155/2015/SETEC/MEC.

obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 1999 p.42). O procedimento utilizado para coleta de dados foi o questionário.

Segundo Marconi e Lakatos “tanto os métodos quanto as técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e que se queria confirmar, e ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato” (1999, p.33). O questionário, segundo Gil, pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.” (1999, p.128).

Nesse sentido, os colaboradores foram convidados a responder a um questionário composto de dezessete questões relacionadas às representações e a aplicabilidade das práticas restaurativas nas atividades cotidianas. Justifica-se a utilização do meio virtual para a realização da pesquisa pela distância entre os *campi*, o que demandaria tempo para deslocamento e recursos financeiros, nenhum disponível no momento. Cabe ressaltar que junto ao e-mail com o convite para participar do estudo e da informação do endereço eletrônico para acessar ao questionário, foi enviado um arquivo editável intitulado: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que consta a descrição do propósito da pesquisa, os objetivos, os dados de identificação da pesquisadora e dos orientadores, bem como o compromisso de confidencialidade. Os documentos (modelo do questionário e do TCLE) estão anexos, ao final do trabalho. Neste estudo os depoimentos dos colaboradores estão destacados do texto, em quadros, para facilitar a localização das falas.

O artigo está organizado nas seguintes seções: nas considerações iniciais estão descritos os conceitos e como as categorias apresentadas nas falas dos colaboradores se relacionam, no que se refere a aprender a conviver; como as representações sociais ancoram os entendimentos e ações entre os sujeitos; e as práticas restaurativas são apresentadas como a melhor possibilidade de construção de relacionamentos mais empáticos e inclusivos promovendo a interação mais harmoniosa entre os sujeitos. Na subseção inicia-se a análise das respostas apresentadas pelos colaboradores relacionando às referências teóricas levantadas durante a pesquisa bibliográfica. Na seção dois apresenta-se os resultados dos questionários em que os colaboradores descrevem a aplicabilidade das práticas restaurativas nas ações cotidianas dos TAEs. E, na última seção a síntese do estudo e sua relevância, mesmo reconhecendo os limites da pesquisa, os colaboradores apontaram sugestões para ampliar as ações restaurativas no IFFar.

1. Educação e a complexidade de aprender a conviver

O Relatório de De Lors (1996), Educação para o Século XXI – um tesouro a descobrir é um estudo elaborado para a Unesco, pela Comissão Internacional de Educação, e apesar de terem passados mais de 20 anos, continua nos inquietando. Tendo em vista que o documento reforça a importância de quatro pilares para a educação do futuro, quais sejam: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. Para este trabalho será abordado o “pilar aprender a conviver” que implica nos demais e relaciona-se direta e indiretamente com as representações sociais dos sujeitos a respeito de práticas restaurativas.

Quando se trata de desenvolver as capacidades cognitivas e os conhecimentos científicos, especialmente no Brasil, as crianças e jovens vão para a escola. A educação escolar é então um marco na construção de relacionamentos, além da construção dos conhecimentos. Assim, no relatório De Lors, a proposição do pilar “aprender a viver juntos” significa a “descoberta progressiva do outro” com todas as limitações e possibilidades humanas manifestas nas emoções, sentimentos e comportamentos. Quem aprende a viver consigo e com os outros, ter empatia, compreender as necessidades dos outros, desenvolver a percepção de interdependência, administrar conflitos e interesses, participar e promover projetos de interesses coletivos e a ter satisfação em participar do esforço comum de melhorar sempre mais as interações – (trans)evolui e realiza o propósito da humanização. A instituição educacional que prioriza que os sujeitos aprendam e trabalhem para a edificação desses pressupostos, além de desenvolver ferramentas que colaborem para instituir vida digna e feliz para todos, estimula que os interesses da coletividade sejam priorizados em detrimento aos individuais de competição e egoísmo, tem assim mais probabilidade de ser referência em desenvolvimento humano integral. Assim, entende-se que

A educação (...) deve responder à questão: viver juntos, com que finalidades, para fazer o quê? e dar a cada um, ao longo de toda a vida, a capacidade de participar, ativamente, num projeto de sociedade. O sistema educativo tem, pois, por missão explícita ou implícita, preparar cada um para este papel social. Nas sociedades complexas atuais, a participação em projetos comuns ultrapassa em muito a ordem do político em sentido estrito. É de fato no dia-a-dia, na sua atividade profissional, cultural, associativa, de consumidor, que cada membro da coletividade deve assumir as suas responsabilidades em relação aos outros. Há, pois, que preparar cada pessoa para esta participação, mostrando-lhe os seus direitos e deveres, mas também desenvolvendo as suas competências sociais e estimulando o trabalho em equipe na escola. (DE LORS, 1998, p. 60).

Ao trabalharmos coletivamente, além de acolher as diferentes formas de ser, estar e relacionar-se com o mundo também compartilhamos as representações sociais. Moscovici (1978) cita que Durkheim desenvolveu o entendimento de Consciência Coletiva, que seria o conjunto das crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma sociedade. Esclareceu que estes sentimentos mesmo presentes nas consciências individuais, eles evoluem de maneira própria e independente. Para ele, a sociedade, ou a consciência coletiva é maior do que a soma dos sentimentos e crenças individuais. A consciência coletiva existe para além dos sujeitos, funcionando como uma condição de poder superior. Já Moscovici ampliou este entendimento para propor que esta consciência é mutável conforme o contexto, assim chama de Representação Social. Para ele é uma teoria relacionada à avaliação do objeto, aos sentimentos associados a ele e isso enquanto característica produzida e compartilhada por um grupo. (MOSCOVICI, 1978). Representar, no dicionário on-line⁸ significa ser a imagem de; parecer, aparentar, figurar, reproduzir a imagem de; pintar, retratar; significar. Portanto, remete a ideia de aquilo que é apresentado a partir do conhecimento construído e compartilhado por um grupo de indivíduos. A base para este entendimento pode ser de senso comum, científico ou a combinação de ambos. Não se trata, neste estudo, de conhecer ou quantificar as bases da representação e sim compreender que o entendimento se traduz no comportamento e na relação do sujeito com o objeto e com os outros sujeitos. Representação Social é assim, uma

(...) atividade mental desenvolvida por indivíduos e grupos para fixar suas posições em relação a situações, acontecimentos e comunicações da vida cotidiana, enfim, a representação é um conhecimento prático que ajuda a construir nossa realidade. Ela não é simplesmente reprodução, mas construção e comporta, na comunicação, uma parte de autonomia e de criação individual ou coletiva (ELIAS, 1994, p. 361).

Deste modo, não resta dúvida de que tanto o indivíduo constrói a sociedade quanto a sociedade constrói os indivíduos. Norbert Elias (1994) na obra “A sociedade dos Indivíduos”, ao questionar o conceito de “sociedade”, pontua que nossos hábitos e tradições se encontram em um determinado estágio evolutivo e que as mudanças não dependem propriamente da vontade ou do planejamento individual. Entretanto, as transformações ocorrem quando a coletividade assim o determina. Isto é, as mudanças ocorrem quando muitas pessoas querem e fazem acontecer.

⁸ Dicionário Online de Português – Endereço: <https://www.dicio.com.br/representar/> Acesso em: 20 de maio de 2019.

Acreditando nesse potencial transformador social que é o entendimento eminente da necessidade de aprender a conviver e abordar os conflitos de forma diferente do que a que vinha sendo proposto pela sociedade de consumo, individualista e competitiva é que as práticas restaurativas se apresentam como a melhor possibilidade de promover a interação mais harmoniosa entre os sujeitos. Nesse sentido as práticas restaurativas têm ocupado lugar de destaque nas instituições escolares.

Pode-se dizer que Prática Restaurativa é uma área da ciência social que propõem refletir sobre as necessidades e reparar as relações estremecidas entre pessoas e comunidades com o objetivo de construir sociedades mais saudáveis, diminuir as violências e responsabilizar reparando danos. As práticas restaurativas constituem-se em procedimentos e atividades proativas que podem colaborar para a prevenção e/ou tratamento de conflitos em geral, contribuindo para evitar a violência e garantir o desenvolvimento de boas relações. Estas práticas são pautadas em princípios colaborativos, responsabilização das partes, comunicação não-violenta (CNV) e círculos de construção da cultura da paz. Os círculos de paz não necessariamente sejam oportunizados para o tratamento de conflitos, mas para a prevenção às violências. No Guia de Práticas Restaurativas, de Kay Pranis (2010), encontram-se sugestões de círculos com diferentes objetivos como: fortalecer vínculos de amizade e redes de apoio; desenvolver a compreensão de valores e da inteligência emocional; aprender a lidar com situações difíceis e com posturas antagônicas; oferecer apoio a perdas de familiares; celebrar conquistas de um grupo, entre outros motivos.

Em virtude disso, entende-se que as práticas restaurativas referem-se a um conjunto de metodologias para o tratamento dos conflitos, com a presença de um facilitador que auxilie as partes envolvidas a realizar um processo reflexivo e dialógico. Nesse processo, por meio de técnicas, de comunicação não violenta, os envolvidos decidem, autonomamente e colaborativamente, como vão lidar com os resultados decorrentes de uma ação ou ato que causou dano, frustração ou algum tipo de prejuízo a um sujeito, dois ou mais, a uma comunidade ou a uma instituição. Não se busca culpar ou punir. O processo restaurativo oportuniza que os envolvidos dialoguem para conhecer os motivos, os sentimentos e as necessidades das partes e busquem restaurar as relações ou minimizar os prejuízos (sejam de que ordem for), por meio de espaços e dinâmicas organizados previamente por um terceiro imparcial preparado para tal ação.

Com base nas três categorias: Educação; Representações Sociais e Práticas Restaurativas; passa-se, a seguir, a verificar como os conceitos e sua aplicação estão conectados nas práticas dos TAEs do IFFar.

1.1. *Percepções dos TAEs sobre a significação da formação em práticas restaurativas.*

O questionário enviado aos colaboradores proporcionou lembrar o curso de iniciação em práticas restaurativas como também refletir sobre as suas ações no que tange os procedimentos autocompositivos. Assim, passa-se a descrever e analisar as respostas de cada item. A primeira questão apresentada aos TAEs foi a seguinte: *Como gostaria de ser chamado (a), sugira um pseudônimo para ser citado (a) nesta pesquisa?* Obtiveram-se oito indicações, contudo como garantia de sigilo nas respostas, não se fez a identificação das falas ou depoimentos, a solicitação de sugestão do nome pretende caracterizar a proximidade entre entrevistados e pesquisadora. Na questão de número dois perguntou-se *se as atividades realizadas no IFFar estavam relacionadas à área de formação acadêmica.* Das dez respostas apenas um servidor assinalou que suas atividades, cargo ou função que exerce no IFFar não correspondem a formação profissional. E, para iniciar o diálogo sobre as práticas restaurativas, na questão três, foi perguntado aos servidores *se o primeiro contato com a temática havia sido no curso básico de iniciação em práticas restaurativas, oportunizado pelo IFFar, no primeiro semestre de 2018.* Entre as dez respostas, seis colaboradores responderam sim e quatro que não. Na sequência foi solicitado aos que responderam que não havia sido o primeiro contato, o referido curso, que descrevessem *como havia sido, onde e quando.* As respostas estão apresentadas no Quadro 1 - Questão 4 **Erro! Fonte de referência não encontrada.:**

Quadro 1 - Questão 4

<i>Tive contato pela primeira vez com o tema CNV a partir de uma exposição/fala da Isabel Cristina Martins na Reitoria do IFFar (acredito que tenha sido no ano de 2013). Participei também de um evento sobre Justiça Restaurativa, promovido pela FAPAS, sendo um dos palestrantes o Jeferson Capelari (não tenho certeza do ano, mas acredito que tenha sido no ano de 2012).</i>
<i>Participei de um círculo para uma atividade do Mestrado, proposto por outro grupo de colegas. Lembro que não foram estabelecidas as diretrizes, nem os valores, foi um círculo mais "informal", tanto que o objeto da palavra não passava em círculo e sim para quem quisesse falar naquele momento. Talvez por sermos colegas e adultos, a facilitadora (que é atuante nas práticas circulares) nos deixou a vontade para falarmos quando quiséssemos. Aconteceu em 2017, numa disciplina do curso de mestrado da UFSM.</i>
<i>Em 2015 fiz um primeiro curso sobre justiça restaurativa, em Porto Alegre na OAB, mas naquela época, não senti segurança para trabalhar com as práticas.</i>
<i>O Primeiro contato foi em uma atividade promovida também pelo IFFar em 2015. Palestras com o Jeferson Cappellari e com a Cristina Martins.</i>
<i>Logo quando iniciei o trabalho de acompanhamento discente, meu colega (psicólogo) de trabalho, havia falado sobre um curso de mediação de conflitos, que estava realizando em</i>

<i>PoA, e que era muito bom, tendo em vista os constantes conflitos que ocorrem na instituição. Este curso subsidiava muito suas ações e diálogos com os estudantes.</i>
<i>Não tive contato anterior.</i>

Estes foram os depoimentos sobre formação anterior em práticas restaurativas. Percebe-se que nenhum colaborador relatou uma formação sistematizada e consistente que tenha proporcionado saberes para realizar os processos restaurativos. Um dos colaboradores citou o termo mediação que, cabe aqui esclarecer, é uma das metodologias das práticas restaurativas. Esta metodologia tem sua fundamentação na Justiça Restaurativa, Zehr (2008) relata que, na década de 1970, surgiu no Canadá, um programa alternativo de mediação cuja finalidade era a de promover a reconciliação entre vítimas e ofensores com contratos de compensação. Cita ainda, que o psicólogo Albert Eglash utilizou pela primeira vez a designação “Justiça Restaurativa” para distinguir a abordagem dada aos três sistemas de justiça: Justiça Retributiva (foco na punição), Justiça Distributiva (foco na reeducação) e Justiça Restaurativa (foco na reparação).

A Organização das Nações Unidas (ONU) recomendou aos países signatários a divulgação da Justiça Restaurativa e assim passou a subsidiar formações para embasar a concepção de leis que pudessem convergir com o “Desenvolvimento e Implementação de Medidas de Mediação e de Justiça Restaurativa na Justiça Criminal”. Foi dessa forma que a Justiça Restaurativa chegou ao Brasil, por meio de uma iniciativa da Secretaria da Reforma do Judiciário do Ministério da Justiça em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Para promover experiências com este modelo, foram criados três projetos-piloto: em Porto Alegre (RS), em Brasília (DF) e em São Caetano do Sul (SP). Em seguida, em Porto Alegre foi criado o “*Projeto Justiça para o Século 21*” com a articulação de instituições e “(...) com o objetivo de difundir a Justiça Restaurativa na pacificação de conflitos e violências envolvendo crianças, adolescente e seu entorno familiar e comunitário” (BRANCHER, 2014, p.16).

Ao questionar os TAEs sobre *o entendimento conceitual sobre práticas restaurativas antes de realizar a formação*, alcançou-se as respostas relatadas no Quadro 2 - Questão 5cinco:

Quadro 2 - Questão 5

<i>Desconhecia o tema.</i>
<i>Eu tinha uma noção, principalmente sobre os princípios da comunicação não-violenta. Sobre o círculo de construção da paz, tinha lembrança das experiências exitosas nas escolas públicas de Porto Alegre, apresentadas no evento ocorrido na FAPAS sobre Justiça</i>

<i>Restaurativa. Essas experiências referiam-se principalmente ao trabalho do serviço de orientação educacional das escolas que, a partir da acolhida, da escuta e do diálogo conseguiram amenizar as relações conflituosas envolvendo crianças e adolescentes no contexto escolar.</i>
<i>Nada. Apenas tinha participado de um círculo durante uma atividade do mestrado.</i>
<i>Eu já conhecia a metodologia, já achava incrível.</i>
<i>Eu já tinha ouvido falar, por alto, sobre CNV e práticas restaurativas em outra formação, mais pontualmente sobre a questão do uso no judiciário, mas nada aprofundado, só ouvi falar mesmo.</i>
<i>Que era uma nova possibilidade de trabalhar os conflitos, usando ferramentas técnicas do direito, adaptadas para a educação.</i>
<i>Minha formação e atuação em pastorais sociais, de jovens cristãos, aproxima muito a construção de valores e da cultura da paz, no entanto, eu nunca tinha ouvido falar que CNV tinha um referencial teórico e que poderia mudar a forma da comunicação e interação entre as pessoas, apenas reorganizando a fala. E, que havia um método já experienciado e legitimado sobre as práticas restaurativas.</i>
<i>Meu conhecimento estava relacionado à CNV de forma ainda bastante incipiente, como uma técnica utilizada, na minha área, com adolescentes em conflito com a lei.</i>
<i>Pouca coisa.</i>
<i>Somente algumas informações e uma noção muito vaga através de uma disciplina de psicologia jurídica na faculdade.</i>

Como é possível observar na análise das respostas, o tema não era propriamente desconhecido de todos os respondentes, mas o conhecimento não era consistente e estruturado. Esta informação nos auxilia a pensar que nenhum colaborador falou sobre a formação em práticas restaurativas durante seus cursos de graduação. Mas, mesmo que não tenham sido oportunizados estudos, leituras e/ou cursos, os servidores, buscaram contato e formação na temática.

1.2. Conhecimento e vida – entrelaçando concepções e práticas

Representações sociais enquanto categoria de análise refere-se a uma imagem construída socialmente sobre determinado assunto, desde que compartilhada de modo coletivo. Remete a um modelo social de ser e vir-a-ser que se reflete no conhecimento, comportamento, crenças e valores, analisada a partir da comunicação (seja por meio da fala ou das atitudes) e da interação. As Representações Sociais neste trabalho seguem a perspectiva moscoviciana, sobretudo através de escritos de Jodelet (uma das principais divulgadoras da teoria no Brasil). Spink (1993, p. 301) de forma muito didática construiu a Figura 1 - Adaptação conceitual - Jodelet, 1989a, para explicar a teoria das representações sociais, baseada nos estudos e escritos de Jodelet, que replico abaixo:

FIGURA 1. O Campo de Estudos da Representação Social

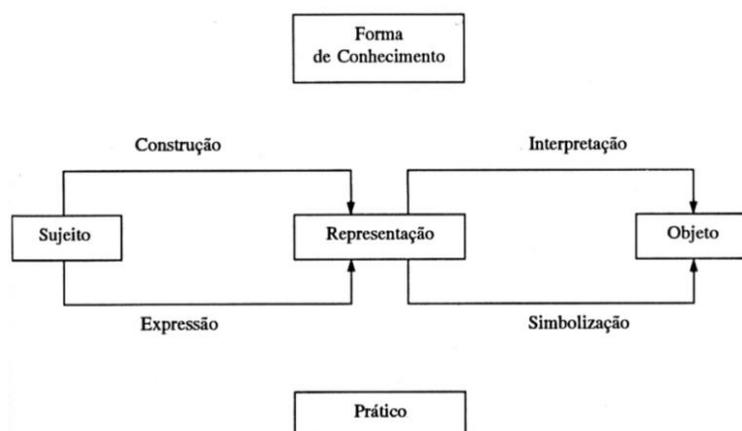


Figura 1 - Adaptação conceitual - Jodelet, 1989a

A Representação Social, para Jodelet, é uma forma de construir, interpretar, expressar e simbolizar a realidade fazendo o elo entre o sujeito e o objeto. Assim, os sujeitos convidados a refletir sobre entendimento e práxis conseguem elaborar o pensamento, aprimorando assim, o conhecimento acerca do tema em questão.

No quadro Quadro 3 - Questão 6 foi perguntado: *Tu acreditas que se alteraram as percepções e o entendimento sobre as práticas restaurativas, após a participação no curso básico oportunizado pelo IFFar?* Todas as respostas foram no sentido de que sim, houve alterações nas representações acerca da temática. Seguem os depoimentos:

Quadro 3 - Questão 6

<i>Sem dúvida.</i>
<i>Sim, pois o curso básico trouxe conhecimentos fundamentais para uma melhor compreensão desses temas, fazendo com que me sentisse capaz e instrumentalizada para promover/multiplicar as práticas restaurativas no meu espaço de trabalho.</i>
<i>Sim. Eu nem sabia sobre o que se tratava e hoje percebo a importância das práticas restaurativas para o envolvimento de nossos alunos e servidores. Infelizmente, no campus em que atuo, as práticas são propostas por servidores que fizeram o curso, não sendo uma iniciativa da Gestão, oportunizar essas atividades como método preventivo de conflitos.</i>
<i>Eu já conhecia as práticas restaurativas, a CNV, mas este curso me possibilitou uma maior compreensão, e despertou o desejo real de trabalhar com ela.</i>
<i>Sim, com toda a certeza.</i>
<i>Sim. Compreendendo melhor a técnica e a partir das vivências minha percepção ampliou muito.</i>
<i>Alteraram-se e muito.</i>
<i>Sim, foi possível realizar o ensino-aprendizagem para uma melhor compreensão da</i>

<i>metodologia. Não conhecia as práticas restaurativas.</i>
<i>Com certeza. Foi essencial e maravilhoso</i>
<i>Sim, com certeza.</i>

Warat cita que “os vínculos nunca poderão ser satisfatórios sem processo de autocompreensão da dinâmica das relações sociais” (2004, p. 85). Neste sentido colabora também com o entendimento sobre representações quando refere que “os espaços de individualização, pessoais, vitais, são os modos com que vivemos ou nos representamos através de nossos vínculos com os outros (IDEM)”. Vínculos que favorecem às codependências e as relações de poder. Destaca-se que as alterações das representações dos colaboradores explicitam-se nas mudanças de atitudes e nas ações desenvolvidas no cotidiano laboral, conforme se pode perceber nos próximos relatos.

Quanto à questão sete: *Que conceitos ou entendimentos tu tens, atualmente, sobre as Práticas restaurativas, CNV e construção da cultura da paz?* Os colaboradores responderam o que segue no quadro Quadro 4 - Questão 7:

Quadro 4 - Questão 7

<i>Conceitos e entendimento básicos em razão de não tê-lo posto em prática.</i>
<i>Sobre as práticas restaurativas, entendo que estas compreendem os princípios da CNV, bem como da cultura da paz. Entendo ainda que as práticas restaurativas compreendem propostas para a resolução de conflitos que valorizem a construção de espaços seguros nos contextos institucionais para a promoção da escuta atenta, do diálogo, do respeito, considerando a individualidade e necessidades dos sujeitos envolvidos.</i>
<i>Entendo o círculo como um processo seguro, que age com intuito de fortalecer as relações interpessoais, permitindo que seus participantes se autoconheçam e conheçam seus pares para além do convívio diário e um olhar superficial sobre o outro.</i>
<i>Práticas restaurativas são metodologias que possibilitam o tratamento de conflitos; a construção de espaços pacíficos e promoção do cuidado. CNV é a prática da compaixão, exercida através da comunicação buscando criar relações mais pacíficas.</i>
<i>Apesar de a formação ter possibilitado certo conhecimento sobre o assunto, eu acredito que tenhamos muito mais a aprender. Estamos em constante aprendizado. Mas, hoje consigo perceber criticamente que vivemos em uma cultura de guerra e violência, e essa cultura é estimulada e naturalizada a todo o momento, nas redes sociais, em casa, no ambiente de trabalho, etc. Porém, existem formas, novos caminhos para "quebrar" esse ciclo de violência, de evitar conflitos ou solucioná-los, caso já existam. As práticas restaurativas e a CNV fazem parte desse novo caminho, um caminho ainda longo a ser trilhado, mas que deve resultar na desconstrução dessa lógica e dessa cultura imposta até o momento, promovendo a construção de uma cultura de paz.</i>
<i>Entendo como que há de mais democrático e moderno para implementarmos nas escolas para promovermos uma nova visão de mundo e qualificados as relações.</i>
<i>Práticas Restaurativas são encontros preparados por um facilitador ou mediador pode proporcionar a retomada de sentimentos decorrentes de uma situação conflituosa que tenha gerado algum dano, mal estar ou a cessação de diálogo. As práticas restaurativas são</i>

<p><i>reconhecidamente uma possibilidade de restaurar a interação entre sujeitos que de alguma forma tenham se afastado. A CNV é uma reorganização da fala, em que cada sujeito fala sobre si, suas observações, suas necessidades e faz um pedido, direto e factível, a outros. Assim a dinâmica de conversas não se baseia em julgamentos, lamentos, culpabilidades de outros, mas traz para si a responsabilidade sobre as interações a fim de tornar mais respeitosa e harmônica.</i></p>
<p><i>A comunicação não violenta é uma abordagem que possibilita tornar a forma de nos relacionarmos com o outro de forma mais respeitosa, leve e empática. A CNV nos auxilia a enxergar tanto as nossas necessidades não atendidas, quanto as da outra pessoa e a comunicar isso de forma que não gere conflitos.</i></p>
<p><i>As práticas restaurativas possibilitam outra forma de resolução de conflitos e prevenção de situações mais graves, ao proporcionar um espaço de diálogo, contribuindo para a reparação de danos eventualmente causados, restauração de vínculos e a auto-responsabilização. Representam um grande avanço no Instituto no sentido de trabalhar com os estudantes a dimensão sócio-educativa na resolução de conflitos, onde a dimensão pedagógica se sobressai em relação à cultura institucional que atribui às "Medidas Disciplinares" um caráter punitivo, por exemplo.</i></p>
<p><i>Os círculos de construção da paz permitem uma maior aproximação entre as pessoas, nos faz pensar de forma mais empática no que o outro está relatando, sentindo ou passando, também é possível uma compreensão teórico-prática de princípios como: respeito, liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância, igualdade e solidariedade. Implica uma rejeição da violência em seus mais variados contextos, na família, sociedade e na escola.</i></p>

Os conceitos trazidos pelos colaboradores são similares aos que se encontram nos referenciais teóricos. Demonstrando assim a qualidade do curso de iniciação, e também, o quanto foi significativa e transformadora esta formação. Ao relacionar os conceitos apresentados pelos TAES pode-se entrelaçar com o que disse Zehr, no livro *Trocando as Lentes* (2008, p. 7) sobre a importância do entendimento dos sujeitos com relação os fatos e acontecimentos. “O quadro mental faz muita diferença. Como interpretaremos os acontecimentos? Quais os fatores relevantes? Que reações são possíveis e apropriadas? A lente através da qual enxergamos determina o modo como configuraremos o problema e a solução”. Por fim, cabe lembrar que as representações sociais orientam as ações e são marcadas pela dinâmica sociocultural, o que faz com que o estudo dessas possa contribuir para a construção de relações considerando as diferenças e a busca pela compreensão mútua através da comunicação eficiente.

Maturana e Varela, no livro *A árvore do conhecimento* descrevem que a linguagem se refere à ação e a experiência,

(...) não nos referimos apenas ao que ocorre em relação ao mundo que nos cerca, no plano meramente "físico". Tal característica do fazer humano se aplica a todas as dimensões de nossa existência. (...) Toda reflexão, inclusive a reflexão sobre os fundamentos do conhecer humano, se dá necessariamente na linguagem, que é nossa

forma particular de sermos humanos e estarmos no fazer humano. Por esse motivo, a linguagem também é nosso ponto de partida, nosso instrumento cognitivo e nosso problema (1995, p. 69).

Para Pranis (2010, p. 20) reunir as pessoas em um Círculo para que possam se expressar é um modo de que: todos sejam respeitados; todos tenham igual oportunidade de falar sem serem interrompidos; os participantes se expliquem contando sua história; todos são iguais; ninguém é mais importante que o outro; nesse sentido os aspectos emocionais e espirituais da experiência individual são relatos e acolhidos. Segundo Cappellari (2012) cabe ressaltar que a Comunicação Não Violenta (CNV) é estruturada sobre quatro elementos: observar sem julgar; identificar e expressar as necessidades (do outro e as minhas); nomear os sentimentos envolvidos (da outra pessoa e os meus) e formular pedidos claros e possíveis. A CNV enfatiza a importância de determinar ações com base em valores comuns e aponta uma continuidade entre as esferas intrapessoal, interpessoal e social, além de providenciar formas práticas de intervir. “A aplicação da CNV pode dar-se em todas as relações e interações em que se pressupõe que haverá diferenças e conflitos” (BRANCHER, 2014, p.16).

Deste modo, acredita-se que as representações sobre as práticas restaurativas se alteraram expressivamente entre os TAEs, pois se verifica que os depoimentos traduzem e relacionam às ações rotineiras do ambiente de trabalho que também é educativo, e deve promover o entendimento de que “o processo cognitivo é uma construção dinâmica e inerente ao fluxo da vida, ao processo de viver” (MARIOTTI, 2000, p. 76). “Se nossa mente constrói o mundo o inverso também ocorre, porque nossa presença nele não é apenas auto-organizadora e sim auto-eco-organizadora. O que há é uma dialógica entre o espírito humano – um anel recursivo de co-criação” (IDEM, p. 102). Assim, entende-se que o comprometimento com a construção de melhores formas de comunicação e relacionamentos é tão necessária quanto possível.

2. A aplicabilidade das práticas restaurativas nas ações cotidianas

No rol de atribuições dos TAEs, no IFFar, estão previstas que sejam realizadas atividades de gestão, assessoramento e atendimento a comunidade escolar, entre outros fazeres que garantam a efetivação do ensino, pesquisa, extensão e inovação tecnológica. Assim, entende-se que, no cotidiano, as principais ações dos servidores são no sentido de viabilizar a organização administrativa do ambiente educacional. No entanto, as ações são realizadas por, com e para os sujeitos que fazem parte do instituto e da comunidade regional.

Nesta perspectiva entende-se que as atividades laborais não são mecânicas ou realizadas de forma isenta de subjetividade, emoções e sentimentos. Em geral, a organização econômica e social das instituições, não proporciona aos sujeitos a tomada de conhecimento acerca das interações, intra e interpessoais, que se desenvolvem nas relações de e do trabalho. Isto é, as relações entre os sujeitos e também na execução do trabalho. Essa percepção constitui um campo da inteligência em que são necessários estudos, estímulos e experiências.

Nessa pesquisa, tinha-se a hipótese de que os TAEs, que participaram do curso de iniciação em práticas restaurativas, observariam se as suas ações cotidianas teriam se alterado depois da formação, e, a pressuposição foi comprovada. Pois, perguntou-se na questão oito se a partir da formação oportunizada pelo IFFar, sua rotina de trabalho foi alterada? Os colaboradores foram unânimes em responder que sim, ou seja, os dez colaboradores apontaram que as rotinas de trabalho se alteraram significativamente. Esta informação permite inferir que houve mudança nas relações intrapessoal e interpessoal em relação às demandas do trabalho, atendendo às dinâmicas da interação entre os sujeitos. Ressalta-se que o que foi citado vai além das atividades convencionais, são atividades que os TAEs assumiram e realizam com o intuito de contribuir na promoção de um ambiente que seja mais acolhedor e harmonioso. Estas ações extraordinárias, por assim dizer, têm imprimido bem estar e realização pessoal e profissional aos TAES como se comprova nas falas dos colaboradores, na questão nove, ao solicitar que *descrevessem de que forma a rotina de trabalho teve alteração*, eles e elas responderam o que segue no Quadro abaixo:

Quadro 5 - Questão 9

<i>Comunicação com os colegas.</i>
<i>Percebo que meu trabalho tem sido mais valorizado. Tenho sido chamada para realizar círculos nas turmas, como também em outros espaços de reuniões e/ou formações.</i>
<i>Quanto a rotina no setor, apenas 2 vezes foi necessário o afastamento do setor para realizar as atividades com as turmas, nas demais, as atividades foram realizadas no noturno, o que não modificou a rotina de trabalho. Quanto a minha prática profissional, ligada às práticas restaurativas, eu tenho procurado estar atenta as necessidades dos colegas e atuar de maneira a pacificar as relações.</i>
<i>Trabalhando com as práticas diretamente, realizando círculos de construção de paz.</i>
<i>A rotina do nosso Setor acabou ficando mais, bem mais intensa na medida em que foram surgindo demandas relacionadas ao assunto... Para tentar evitar ou mediar conflitos entre alunos e professores, entre colegas de turma, entre colegas de alojamento, etc. O que demonstra a necessidade e a urgência da criação de um espaço que desenvolvesse as práticas restaurativas.</i>
<i>Usamos as técnicas do CNV em quase a totalidade das intervenções em sala de aula.</i>
<i>Em todas as manifestações procuro cuidar e escolher palavras que evitem situações que podem se tornar conflituosas. Tenho sido mais disponível às solicitações, necessidades e</i>

<i>pedidos dos colegas e gestores.</i>
<i>Atualmente trabalhamos bem mais com grupos.</i>
<i>Devido à realização de círculos de paz com os alunos em sala de aula, proporcionando um método mais dinâmico de atuação frente ao discente. Antes realizava outro tipo de atividade em sala de aula, dinâmicas de grupo e rodas de conversa. Também realizei o círculo de paz em outros Campi.</i>

Com os depoimentos é possível inferir que a formação ampliou a sensibilidade individual para o convívio coletivo. Um dos elementos destacados pelos TAEs é que a comunicação tem merecido mais atenção desde a participação no curso. Para colaborar com esta reflexão busca-se em Freire (2001) a afirmação de que é a palavra (seja oral, gestual, escrita ou de outra ordem) a verdadeira e marca típica da humanidade, diferenciando os homens de outros animais pela subjetivação que tal atividade produz.

[...] o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens os transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pela qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros. Não pode também converter-se num simples intercâmbio de ideia. Não é também uma discussão hostil, polêmica entre os homens que não estão comprometidos nem ao chamar ao mundo pelo seu nome, nem na procura da verdade, mas na imposição de sua própria verdade (FREIRE, 2001, p. 102).

Mariotti cita que “a linguagem promove modificações estruturais porque coordena (organiza, sintetiza) nossos comportamentos e, ao relatá-los, contribui para que eles se modifiquem” (2000, p. 309). Relaciona-se então com a comunicação não violenta e empática em que os participantes dos encontros restaurativos têm o direito de dizer a palavra e de ouvir com atenção o outro, viabilizando assim uma comunicação mais eficiente e eficaz, produzindo dimensões de interações transcendentais.

Perguntados sobre *que compromissos tu achas que assumistes, após conhecer as práticas restaurativas, CNV e círculos de construção da cultura da paz?* Obteve-se as seguintes respostas, relativas à - Questão 10, descritas abaixo.

Quadro 6 - Questão 10

<i>Comunicar-se melhor, sendo um bom ouvinte.</i>
<i>Me sinto no dever de multiplicar os conhecimentos apropriados a partir da formação, bem como de promover espaços/tempos que valorizem as práticas restaurativas, a CNV e os círculos de construção da cultura da paz.</i>
<i>Acredito ter assumido o compromisso de atuar na instituição sempre que for solicitada. No</i>

<i>entanto, apesar de ser a única servidora do Campus que tem o curso de iniciação às Práticas Restaurativas, não fui indicada para participar do Grupo de Trabalho que trata sobre a Comunicação não Violenta no IFFAR, o que no meu entendimento, acaba por limitar a minha atuação no Campus por não saber o que tem sido tratado a respeito do assunto na Instituição.</i>
<i>Primeiramente, assumi um compromisso comigo, de mudança de vida e nas relações, e também, de buscar construir um espaço melhor para todos.</i>
<i>Acredito que um dos meus maiores compromissos seja estar vigilante, em primeiro lugar, quanto às minhas próprias atitudes. E outro grande compromisso é propagar/multiplicar o ideal da construção de uma cultura de paz para que outras pessoas também passem a ressignificar suas formas de se relacionar consigo mesmas, com os outros e com o mundo.</i>
<i>Acredito que os servidores assumem um compromisso de colaborar com mudanças positivas da cultura local, através da educação, assim que assumem o cargo. Formações e novos conhecimentos contribuem muito para nossa atuação.</i>
<i>Ser coerente com os aprendizados do curso. Ser menos angustiada e apressada. Ser mais colaborativa. Ter mais paciência com o ritmo dos colegas. Autoresponsabilização pela felicidade e realização no trabalho. Aproveitar mais as oportunidades de interação com os colegas.</i>
<i>Foi possível uma maior aproximação com os estudantes através dos círculos de construção da cultura de paz.</i>
<i>Hoje vejo como essencial o uso das práticas como prevenção e na resolução de conflitos na escola. Sinto a melhora de relacionamentos, conexões entre os alunos, confiança, compreensão mútua, valores compartilhados e comportamentos que unem e tornam uma ação cooperativa possível. É gratificante ver a restauração de relacionamentos e reparo de danos entre os grupos.</i>
<i>Acredito que reforcei o compromisso de não trazermos no nosso dia-a-dia a cultura da guerra a que estamos tão habituados, a qual inclui a crítica, o julgamento ao diferente e sua exclusão, e principalmente o compromisso de disseminarmos a cultura de paz no ambiente escolar.</i>

Das falas aqui apresentadas pode-se retomar o que Maturana e Varela postularam sobre a consciência da ética humana, de que somos seres de relações entre os sujeitos e corresponsáveis na estruturação social.

Uma ética que emerge da consciência da estrutura biológica e social dos seres humanos, que brota da reflexão humana e a coloca no centro como fenômeno social constitutivo. Equivale a buscar as circunstâncias que permitem tomar consciência da situação em que estamos - qualquer que seja - e olhá-la de uma perspectiva mais abrangente e distanciada. Se sabemos que nosso mundo é sempre o mundo que construímos com outros, toda vez que nos encontrarmos em contradição ou oposição a outro ser humano com quem desejamos conviver, nossa atitude não poderá ser a de reafirmar o que vemos do nosso próprio ponto de vista, e sim a de considerar que nosso ponto de vista é resultado de um acoplamento estrutural dentro de um domínio experiencial tão válido como o de nosso oponente, ainda que o dele nos pareça menos desejável. Caberá, portanto, buscar uma perspectiva mais abrangente, de um domínio experiencial em que o outro também tenha lugar e no qual possamos, com ele, construir um mundo (1995, p. 262).

Neste sentido a facilitação e mediação de práticas restaurativas é uma atividade essencialmente humana, isto é, configura a própria existência individual e coletiva. Assim, não poderiam ser diferentes os apontamentos sobre os compromissos assumidos pelos TAEs, destaco uma das falas que vem ao encontro desse entendimento: *“E outro grande compromisso é propagar/multiplicar o ideal da construção de uma cultura de paz para que outras pessoas também passem a ressignificar suas formas de se relacionar consigo mesmas, com os outros e com o mundo”*.

Quando foi perguntado, na questão de número 11 (onze), se: *Você tem facilitado círculos de práticas restaurativas ou de construção da cultura da paz?* Analisando as respostas é possível inferir que o curso foi extremamente eficiente por ter esclarecido os conceitos, por ter oportunizado vivências que fizeram a reflexão pela temática ganhar vida e principalmente por ter possibilitado e encorajado os servidores a promover círculos restaurativos e de paz. Pois, apenas um TAE, dos que responderam ao questionário, informou que não tem facilitado círculos.

Para os que responderam afirmativamente a- Questão 12, sobre facilitar círculos, perguntou-se, na questão seguinte: *quais as oportunidades e em qual contexto ou demanda?* Das nove respostas percebe-se que a maioria dos círculos e práticas realizadas, é de situações não conflitivas. O que já era esperado e previsto pela ministrante⁹ do curso de iniciação em práticas restaurativas, que disse *“que se deve facilitar primeiro os círculos não conflitivos, a fim de nos prepararmos para as situações mais desafiantes e complexas”*. Segue os relatos de algumas experiências exitosas de promoção de círculos, conforme se pode verificar nos depoimentos abaixo.

Quadro 7 - Questão 12

Com os alunos, em diferentes turmas, cursos, semestres; com os coordenadores de curso e também com professores da EJA, da rede municipal de Alegrete. No caso dos alunos/turmas, as principais demandas estão relacionadas ao tema respeito, às relações interpessoais, mediação de conflitos e círculos de acolhimento (turmas ingressantes). Com os coordenadores, abordou-se a importância do trabalho em equipe, bem como para explorar nossas "raízes e galhos", com caráter formativo. Com os professores da EJA também foi proposto com um caráter formativo.

Os primeiros círculos foram com duas turmas, do 1º ano do ensino médio, uma delas foi tratado sobre a perda, uma vez que uma colega gêmea com outra havia falecido e esse tema nunca foi falado e sim evitado. Já na outra turma, havia conflito de ideais políticos após o ano eleitoral. Ultimamente tenho desenvolvido círculos de Acolhimento aos alunos do primeiro semestre dos Cursos de Licenciatura, do campus. O objetivo é que eles se sintam

⁹ Silva, I.C. durante o Curso Básico de Iniciação em Práticas Restaurativas, 2018, anotação da autora.

<i>acolhidos e integrados ao curso escolhido e a instituição de ensino, que se sintam pertencentes ao ambiente, evitando assim a evasão dos cursos e da Instituição. Esse trabalho foi proposto em minha dissertação de mestrado e está em desenvolvimento com o apoio dos coordenadores, professores e gestores do Campus.</i>
<i>Em todas as turmas e cursos do campus, com círculos de acolhimento de cuidado.</i>
<i>Círculos para a resolução de alguns conflitos no alojamento feminino dos cursos superiores, círculos para a mediação de conflito entre uma turma e a professora de matemática, círculos para melhorar a relação entre equipes de trabalho, círculos para a construção de respeito em algumas turmas.</i>
<i>Atendimentos grupais com turmas encaminhadas por motivos diversos, atividades de prevenção e promoção de saúde e trabalho com temas transversais.</i>
<i>Mensalmente realizamos círculos com os servidores, TAEs e docentes.</i>
<i>No acolhimento dos estudantes na instituição; com as demandas de saúde mental.</i>
<i>Em casos de conflitos entre alunos, entre alunos e professores e até mesmo entre colegas servidores.</i>
<i>Realizei círculos de paz em situações de conflito entre alunos e como método para trabalhar características individuais e grupais que possam auxiliar o aluno na adaptação a escola.</i>

O conflito aqui é entendido como uma oportunidade de conhecer o outro, suas necessidades e assim ampliar a interação de forma mais acolhedora das diferenças. Considerando que o conflito é uma construção, então pode ser desconstruído e substituído pela convivência pacífica, pelo respeito ao outro, pela alteridade, pela solidariedade e a pela humanização (PISTOIA e SILVA, 2019). As práticas restaurativas objetivam promover o encontro e o diálogo franco e sincero na busca pelo melhor encaminhamento e tratamento da situação. Necessariamente, precisa considerar as necessidades dos participantes para juntos construir autonomia e responsabilidade. Neste sentido, “a prática restaurativa é uma metodologia concreta e de grande alcance, porque é capaz de transformar as pessoas e o relacionamento que foi abalado em decorrência de um conflito” (PISTOIA e SILVA, 2019, p. 57).

As práticas restaurativas que envolvem situações conflituosas ou eventos que causaram algum tipo de constrangimento ou violências podem necessitar de mais de um encontro, portanto, demandam mais tempo e preparação dos facilitadores. Quando forem círculos conflituosos a recomendação é que tenha dois facilitadores ou mediadores. “O facilitador é uma peça importante nesse processo, pois ele é o guardião do círculo, ele tem a responsabilidade de manter o diálogo seguro” (PISTOIA e SILVA, 2019, 2019, p. 56). Assim, entende-se que o desafio é ainda maior, tendo em vista as demais atribuições dos servidores. Em contrapartida, os resultados também são expressivos e inspiradores.

Verifica-se nas respostas a - Questão 13(treze) que há a descrição de algumas observações dos facilitadores. A pergunta era: *Descreva resultados/situações que podes*

observar sobre tratamentos de conflitos a partir da realização de práticas restaurativas. Seguem abaixo as respostas:

Quadro 8 - Questão 13

<i>Melhora na capacidade de se por no lugar do outro.</i>
<i>Geralmente recebo retornos positivos das turmas e dos professores. Observo que a maioria dos participantes percebe a importância e validades das práticas restaurativas.</i>
<i>Foi relatado que em uma das turmas haviam grupos distintos devido ao pensamento político e que tais grupos teriam seus "mentores" e "seguidores" e que não havia diálogo entre eles. Após a realização da atividade pude observar que os alunos envolvidos estavam interagindo e conversando amistosamente na área de convivência do Campus. Acredito que a atividade cumpriu com o proposto.</i>
<i>Através das práticas, conseguimos resolver uma situação com um grupo de alunos, evitando tratamento jurídico do caso.</i>
<i>Estreitamento dos laços entre as pessoas que participam do círculo e conseqüentemente o desenvolvimento de uma melhor relação entre elas.</i>
<i>Melhora na qualidade das relações interpessoais em uma turma que apresentava conflitos e desrespeito entre colegas e professores.</i>
<i>Tenho facilitado apenas os círculos de construção de paz, ainda não tive oportunidade de mediar/facilitar círculos conflituos.</i>
<i>Não realizei essa intervenção.</i>
<i>Vejo como altamente positivo os resultados das práticas em nosso ambiente escolar. Os resultados são gratificantes. Já tivemos situações que terminaram em confraternizações do grupo e agradecimentos pela melhora dos relacionamentos entre os envolvidos.</i>
<i>Relato de alunos de que se sentem melhor no convívio com os colegas e relato de professores sobre melhora no comportamento da turma, como demonstrar-se mais unida e mais empática.</i>

Segundo Mariotti (2000, p. 298, 299) “entre certas tribos do Natal, na África do Sul, o principal cumprimento é a expressão *Sawa bona*, que quer dizer “eu vejo você”. As pessoas assim saudadas respondem dizendo *Sikjona*, que significa “eu estou aqui”. Ou seja, começamos a existir quando o outro nos vê”. O que nos lembra da filosofia Ubuntu que significa “eu sou, porque nós somos”. Assim, reconhecer o outro, como legítimo outro, nos insere na comunidade humana e dá sentido a nossa existência. Assim, relaciona-se diretamente o que os colaboradores citaram como: “*colocar-se no lugar do outro, tem a ver com o reconhecimento do outro*”. Da mesma forma os relatos dos participantes quanto ao “*sentirem-se bem*” ao participar de práticas restaurativas, remete ao entendimento de que somos interdependentes, porque conectados com os outros e com o mundo.

Ao questionar *se puderam observar as reações e sentimentos dos participantes dos círculos, o que poderiam detalhar*. As respostas dão conta de que os sentimentos são

evidenciados de forma esclarecedora e abundante entre os participantes como se observa no Quadro 9 - Questão 14. Os colaboradores citaram:

Quadro 9 - Questão 14

<i>Compaixão; gratidão;</i>
<i>Geralmente, num primeiro momento, percebo certo desconforto por parte dos participantes. Mas, com o desenrolar do círculo, logo percebo uma mudança de postura e uma maior adesão ao que se propõe.</i>
<i>A primeira reação é de surpresa, após a explicação inicial sobre o que está sendo proposto, a aceitação é muito boa, inclusive as diretrizes são cumpridas por todos, o que me surpreendeu bastante, pois imaginava que teria dificuldade em manter os acordos estabelecidos. Vários sentimentos surgem, até mesmo em quem facilita o Círculo. Nos adolescentes observei muita angústia, sentimentos de preocupação com a família que às vezes não mora na mesma cidade, relatos de familiares doentes do corpo e da alma, famílias vítimas da violência urbana. Preocupações reais que aparentemente seriam de adultos, mas que mobilizam os adolescentes. Já nas turmas de ensino superior, encontrei pessoas bem comprometidas e responsáveis, dispostas a ter uma formação, muitas delas trabalham no serviço pesado durante o dia, outros se submetem a viajar em torno de 100 km diariamente em busca de uma qualificação. O sentimento é de determinação, fé e coragem.</i>
<i>Sentem-se acolhidos, empoderados, satisfeitos, felizes.</i>
<i>A grande maioria das pessoas se doa realmente, expõem seus sentimentos, escutam atentamente e refletem a partir das experiências e das falas dos outros. Mas, já percebi também que algumas pessoas possuem dificuldade quando o momento é de ouvir o outro, gostam de falar, mas parece que ficam inquietas, ansiosas, agoniadas quando o momento é de escuta, mas acho que isso é um processo natural. Com a correria do dia a dia, não estamos acostumados ou não exercitamos a prática de parar para escutar atentamente o que o outro tem a nos dizer. Também me lembro de outra reação, não sei se caberia apontar, pois foi uma única crítica, de uma pessoa em específico. Num círculo de formação da equipe de trabalho (com os coordenadores de curso), um professor disse que se perdia muito tempo no círculo e que as reuniões tinham que ser mais objetivas. Mas, em síntese, a maioria dos sentimentos e das reações são positivas.</i>
<i>Maior tranquilidade e disponibilidade para expor seus sentimentos e ideias e esforço para exercitar a empatia.</i>
<i>Surpreendentemente, o sentimento de confiança é o que mais se observa, pois os participantes, contam fatos de suas vidas, se emocionam, choram, se comprometem com os colegas, apresentam-se empáticos e respeitosos pelos sentimentos, atitudes e emoções dos presentes. Avaliam que se sentem renovados, gratos e felizes com a oportunidade de participar dos círculos.</i>
<i>Num primeiro momento de curiosidade e timidez por parte dos adolescentes em se posicionar. Na medida em que a prática ocorre, sentem-se mais à vontade para se expressar. Percebo que eles têm uma necessidade de serem ouvidos atentamente.</i>
<i>Sinto que alguns ainda têm certa resistência em expor o que sentem em grupo, mas é a minoria.</i>
<i>As mais variadas reações como choro, riso, agitação, e sentimentos como alívio, raiva, revolta, indignação, frustração, tristeza, apatia.</i>

As práticas restaurativas nos auxiliam a termos consciência de nossos sentimentos, ao mesmo tempo em que nos sentimos empoderados sentimos a impotência diante de tantos eventos e situações em que interagimos cotidianamente. Pranis aponta que “os sentimentos de impotência alimentam a raiva, depressão, dor e desesperança” (2010, p. 32). No entanto, segundo a autora do livro *Guia de Práticas Circulares* a competência emocional e a conscientização emocional, despertadas pela participação em processos circulares, fornecem ferramentas decisivas para trabalhar os sentimentos e auxiliar as pessoas a se reconectarem aos poderes saudáveis intrínsecos ao eu verdadeiro. Ela cita ainda que uma das principais habilidades para construir e manter relacionamentos positivos é o desenvolvimento da empatia pela competência emocional.

2.1. Potencialidades e Desafios a serem superados

Entende-se que todos os participantes da pesquisa têm vontade de facilitar círculos e realizar práticas restaurativas, mas sabe-se, existem ainda barreiras a serem transpostas. Dessa forma, na - Questão 15 *solicitou-se que fossem elencados os empecilhos ou dificuldades para a realização das práticas restaurativas*. Obteve-se duas respostas que sinalizam que o caminho ainda é longo a percorrer a fim de que as práticas restaurativas sejam uma constante no instituto.

Quadro 10 - Questão 15

<i>No campus não há abertura, bem como a própria direção não dá exemplos de comunicação não violenta nem de práticas restaurativas/mediação de conflitos.</i>

<i>Pelos relatos de alguns colegas que fizeram o curso e não conseguem implementar os círculos, as dificuldades mais apontadas são: o descrédito dos gestores e falta de participação, os colegas julgam sem ter participado efetivamente de um círculo, têm medo de se expor.</i>
--

Diante das experiências de cada um perguntou-se, na- Questão 16 que indicassem *quais seriam as condições necessárias para desenvolver as práticas restaurativas e os círculos de construção da cultura da paz?* Das respostas, é possível inferir que são necessários: apoio, tempo, conscientização, sensibilização, formação permanente, abertura para o novo, comprometimento, retomada de valores, vivências solidárias e empáticas. Mariotti (2000, p. 154) diz que “só há uma solução possível para o indivíduo em seu relacionamento com o mundo: solidarizar-se com seus semelhantes”.

Percebe-se o firme propósito dos TAEs em desenvolver práticas restaurativas, no entanto, ainda precisam de apoio e amparo, como descritos a seguir:

Quadro 11 - Questão 16

<i>Existindo intenção de resolver o conflito entre os envolvidos, certamente haverá a possibilidade de praticar a mediação, bem como, anteriormente, introduzir os círculos de construção da paz no meio ambiente, seja ele escolar ou de trabalho.</i>
<i>Apoio institucional e formação continuada sobre o tema.</i>
<i>A conscientização institucional de que a prática restaurativa veio para melhorar os relacionamentos entre alunos, professores e até mesmo com a comunidade. O respeito ao desenvolvimento das atividades e a propagação de informações que permitam que sejamos convidados mais vezes para facilitar os círculos, atuando na prevenção e não na (re)mediação dos conflitos. Gestão compreender que a atividade requer tempo e dedicação e que portanto é necessário disponibilizar um horário mais amplo para realização da mesma e não limita-la a 2 períodos (1 hora e 40 minutos), como tem acontecido. Institucionalizar as práticas, para que toda comunidade escolar saiba que tem servidores que quando solicitados poderão atuar na construção de um ambiente de paz. Disponibilizar material de expediente e outros que se fazem necessários para utilização nos Círculos.</i>
<i>Em primeiro lugar, acho que necessário que a instituição, como um todo (incluindo os gestores certamente), esteja imbuída, tomada pelo sentimento de que isso é necessário e urgente. No campus, em particular, acho que para desenvolvermos um melhor trabalho, teríamos que capacitar mais colegas, a fim de formarmos uma rede mais ampla de apoio.</i>
<i>Estudar bem o tema e a disponibilidade dos participantes.</i>
<i>Precisa que o facilitador tenha formação, disponibilidade e compromisso. Além disso, é necessário que a gestão ou chefia imediata possibilite o tempo para a preparação dos círculos e dos materiais e considere o tempo para a realização dos círculos como trabalho efetivo.</i>
<i>Capacitação continuada dos facilitadores e apoio das direções/chefias no campus.</i>
<i>Aqui na nossa Instituição vejo que todos são abertos ao desenvolvimento das práticas, existindo a colaboração e o interesse de praticamente todos, facilitando sempre a realização das mesmas. Inclusive alguns servidores querem a multiplicação do curso para aplicarem no seu trabalho também.</i>
<i>Sermos empáticos ao outro e termos uma postura ética e dinâmica na condução do círculo.</i>
<i>Existindo intenção de resolver o conflito entre os envolvidos, certamente haverá a possibilidade de praticar a mediação, bem como, anteriormente, introduzir os círculos de construção da paz no meio ambiente, seja ele escolar ou de trabalho.</i>

Entende-se que a formação de facilitadores dos processos restaurativos é de extrema necessidade para evoluirmos enquanto sociedade educadora e acolhedora de todos. Da mesma forma, é necessário que se tenha as condições adequadas para promover as práticas restaurativas, assim como apontadas acima pelos colaboradores da pesquisa.

Na última questão, ofereceu-se um espaço para comentários complementares ao estudo, como respostas, os colaboradores agradeceram a oportunidade de participar da pesquisa e de rememorar a formação em iniciação em práticas restaurativas. Desejaram bom

êxito à pesquisa. Aqui já se aproveita para manifestar a gratidão aos TAEs que aceitaram compartilhar seus entendimentos, sentimentos e ações realizadas em prol dos processos restaurativos. Destaca-se o agradecimento sincero por ter tido a oportunidade de conhecer os procedimentos restaurativos na fala de um(a) colaborador(a) que citou: *“as práticas restaurativas e os círculos, os quais mudaram completamente a visão antiga meramente punitiva e repressora nas Instituições, já que são baseadas na cultura para a paz e na resolução de conflitos através do diálogo”* como a forma mais evoluída de estabelecer a comunicação e os relacionamentos humanos.

Considerações finais

O intuito deste estudo de verificar se alteraram as representações sociais e no que a formação em práticas restaurativas contribuiu (ou não) nas atividades cotidianas dos TAEs, no IFFar, foi plenamente satisfeito tendo corroborada a hipótese inicial. As práticas restaurativas têm sido promovidas no IFFar com muito entusiasmo e comprovadamente tem demonstrado resultados muito significativos, imprimindo assim, formas restauradoras de abordagens aos conflitos e a disseminação da cultura da paz. Essas práticas têm sido tomadas como contribuição à formação integral dos sujeitos inseridos no contexto educativo. Percebe-se que os TAEs descreveram a formação, a aplicabilidade e os compromissos assumidos para a promoção de práticas restaurativas como reflexos do êxito do curso básico de iniciação em práticas restaurativas. Do mesmo modo, a experiência com as metodologias circulares promove *práxis* expressivas na busca por melhores relacionamentos e construção de uma sociedade inclusiva, empática e pacificadora das relações.

A educação por sua complexidade é mais do que um processo de aquisição de conhecimentos, conteúdos ou informações. É a construção, a assimilação e a conquista de novos padrões e novas formas de perceber, de ser, de fazer e de conviver. Isso quer dizer que, ao lado dos processos cognitivos de elaboração absolutamente pessoal (ninguém aprende pelo outro), há uma conjuntura que, não só provê informações específicas ao apreendente, como também motiva e dá significado ao aprendido. Entre os sujeitos e os saberes é necessário valorizar os inúmeros agentes mediadores da aprendizagem, não só os servidores e nem só a instituição, mesmo que estes sejam os agentes sociais responsáveis pela sistematização pedagógica dos objetivos e das intencionalidades educativas, mas todos nós somos responsáveis pela disseminação de outra cultura educativa.

O processo educativo deve promover as possibilidades concretas de aplicação e uso das aprendizagens nas circunstâncias vividas. A educação exige a presença da emoção, da sensibilidade, da afetividade e da garantia da construção de um ser humano dotado de autonomia ética e intelectual. E é na busca destes ideais de formação humana, que a educação deve propor não erradicar conflitos, visto que estes se encontram no cerne da constituição da humanidade e do campo educacional, mas restaurar a importância da práxis pedagógica capaz de pensar, repensar, esclarecer e aprofundar questões relativas à interconexão, a relação de existência entre todos os sujeitos mediados pelo mundo.

Uma das dificuldades encontradas, nesse estudo, foi a demora no retorno das questões enviadas aos colaboradores o que implicou em pouco tempo para a análise mais profunda dos conteúdos dos depoimentos. No entanto, os objetivos do estudo foram alcançados na medida em que foi possível verificar que as representações sociais, dos TAEs, com relação à CNV, às práticas restaurativas e aos círculos de paz, se alteraram após a participação no curso de iniciação em práticas restaurativas, realizado no primeiro semestre de 2018. Da mesma forma, os servidores perceberam alterações nos seus fazeres cotidianos, o que se entende ser de suma importância. Foi possível identificar nas falas dos TAEs o firme compromisso em prosseguir estudando a temática a fim de ampliar e tornar ainda mais significativas as práticas restaurativas promovidas nos *campi*. Portanto, indica-se a necessidade de que o IFFar continue proporcionando as condições adequadas para que os processos restaurativos sejam uma constante nas ações dos TAEs e que possibilite outras formações na temática.

Entende-se que este estudo é provisório, tendo em vista a liquidez das certezas, assim, indica-se a necessidade de continuação e acompanhamento das ações relativas às práticas restaurativas proporcionadas pelos TAEs, do IFFar. Da mesma forma que se recomenda o aprofundamento dos estudos nas temáticas aqui tratadas, pois se entende que as práticas restaurativas são a melhor e a mais satisfatória forma de promover relações e conexões entre os sujeitos que se encontram no ambiente educacional.

Enfim, “*nossas ações ressoam muito além do nosso ambiente imediato*” (Tenzin Gyatso 14º Dalai Lama) o que significa dizer que apenas estamos começando a promover encontros entre os sujeitos, para que possam aprender: padrões de comunicação eficientes, identificação das necessidades e explicitação destas, escuta atenta e assimilação dos sentimentos despertados pelos eventos e situações e reorganização as interações. Por consequência, o *caminho é longo e faz ao caminhar (poeta Antônio Machado)*, portanto, precisamos continuar a construção de relacionamentos e conexões cada vez mais solidários despertando a responsabilidade universal de promover um mundo melhor. Aliás, para

recordar, Alfredo da Rocha Vianna Junior (Pixinguinha ✧ 1898-†1973) na música Mundo Melhor¹⁰, na última estrofe professa: “Nós ainda vamos ver uma aurora nascer num mundo em harmonia” e Pablo Neruda (✧ 1904-†1973) na poesia Esperança¹¹ declara que “Ao teu sopro divino fugirão as dores como tímido bando de ninho despojado, e uma aurora radiante, com suas belas cores, anunciará às almas que o amor é chegado”. Ambos faleceram no mesmo ano, viveram em contextos e situações sociais distintas, no entanto, com as almas elevadas que caracterizam os artistas, eles nos inspiram a esperança de auroras mais favoráveis aos relacionamentos humanos, em que os sentimentos de compaixão, solidariedade, respeito, empatia, gratidão e felicidade sejam buscados e promovidos em sua constância.

Referências

BRANCHER, L.. (Coord.). **Paz Restaurativa: a paz que nasce de uma nova justiça: 2012-2013 um ano de implantação da justiça restaurativa como política de pacificação social em Caxias do Sul.** Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 2014.

CAPPELLARI, J.. **O ABC do girafês.** Aprendendo a ser um comunicador emocional eficaz. Curitiba: Multideia, 2012.

DE LORS, J.. (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez. 2003, p. 89-102.

ELIAS, N.. **A sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FREIRE, P.. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Centauro, 2001.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

JODELET, D. **As Representações Sociais.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. **Técnicas de pesquisa.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARIOTTI, H. **As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade.** São Paulo: Palas Athena, 2000.

¹⁰ Música, letra e cifras podem ser acessadas no endereço:
<https://www.cifraclub.com.br/pixinguinha/mundomelhor/>

¹¹ Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/prosapoetica/1688286>.

MATURANA R., H.. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, H & VARELA, F.. **A árvore do conhecimento** - As bases biológicas do conhecimento humano. Campinas: Ed. Psy, 1995.

MOSCOVICI, S.. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

PISTÓIA, C. e SILVA, I.C.M.. **Práticas Restaurativas** - uma metodologia ao alcance do educador. Porto Alegre: Ediplat, 2017.

PRANIS K.. **No coração da esperança**. Guia de práticas circulares. Porto Alegre: TJERGS - Departamento de Artes Gráficas, 2011.

_____. **Processos Circulares**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

_____. **Círculos de justiça restaurativa e de construção da paz: guia do facilitador**. (Trad. Fátima de Bastiani). Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

QUATRIN, D. R.; et al. **Regulamento das normas de apresentação de trabalhos acadêmicos Faculdade de Direito de Santa Maria – FADISMA**. 4. ed. revisada e atualizada. Santa Maria: FADISMA, 2016.

SPINK, M. J. P.. **O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial**. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set, 1993. Endereço eletrônico: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v9n3/17.pdf> Acesso em: março/2019.

TEVES, N. & RANGEL, M. (orgs).. **Representação Social e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZEHR, H.. **Trocando as lentes**. Um novo foco sobre o crime e a justiça. São Paulo: Palas Athena, 2008.

ANEXO 1

Questionário.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO, DO IFFAR, SOBRE AS PRÁTICAS RESTAURATIVAS

Pretende-se conhecer as representações sociais dos Técnicos Administrativos em Educação (TAE), do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar), que fizeram o curso Básico de Iniciação em Práticas Restaurativas e Comunicação Não Violenta, no primeiro semestre, do ano de 2018, no que se refere às práticas restaurativas. A questão que se apresenta é: Quais foram (se tiverem) as alterações das Representações Sociais dos TAE, do IFFar, no que se refere às práticas restaurativas? Justifica-se esta pesquisa pela relevância da temática no que se refere ao tratamento de conflitos, proposição de práticas restaurativas e construção de uma cultura de paz em todos os ambientes, principalmente no meio educacional.

Questões:

1. Como gostaria de ser chamado (a), sugira um pseudônimo para ser citado (a) nesta pesquisa? (Resposta curta)
2. Sua atividade, função/cargo que exerce no IFFar corresponde a sua formação profissional? (Resposta múltipla escolha: Sim Não)
3. O teu primeiro contato com Práticas restaurativas, CNV e círculos de construção da cultura da paz, foi no curso básico oportunizado pelo IFFar, no primeiro semestre de 2018? Mark (Resposta múltipla escolha: Sim Não)
4. Se, já tinhas tido contato com as Práticas restaurativas, CNV e Círculos de Construção da Cultura da Paz cite qual foi? Como foi? Quando foi? E, Onde foi? (Resposta longa)
5. O que tu sabias sobre Práticas restaurativas, CNV e círculos de construção da cultura da paz antes de realizar a formação básica, no primeiro semestre de 2018, ofertada pelo IFFar? (Resposta longa)
6. Tu acreditas que se alteraram as percepções e o entendimento sobre as Práticas restaurativas, CNV e construção da cultura da paz, após a participação no curso básico oportunizado pelo IFFar?

(Resposta longa)

7. Que conceitos ou entendimentos tens, atualmente, sobre as Práticas restaurativas, CNV e construção da cultura da paz? *¹²

(Resposta longa)

8. A partir da formação oportunizada pelo IFFar, sua rotina de trabalho foi alterada? Mark

(Resposta múltipla escolha: Sim Não)

9. Se respondeu a questão anterior afirmativamente, descreva de que forma a rotina de trabalho teve alteração?

10. Que compromissos tu achas que assumistes, após conhecer as Práticas restaurativas, CNV e círculos de construção da cultura da paz?

(Resposta longa)

11. Você tem facilitado círculos de práticas restaurativas ou de construção da cultura da paz?

(Resposta múltipla escolha: Sim Não)

12. Se respondeu a questão anterior afirmativamente cite quais as oportunidades e em qual contexto ou demanda?

(Resposta longa)

13. Descreva resultados/situações que podes observar sobre tratamentos de conflitos a partir da realização de práticas restaurativas: *

(Resposta longa)

14. Que reações ou sentimentos pode observar em quem participa dos círculos? *

(Resposta longa)

15. Se respondeu que não tem facilitado círculos, cite quais os empecilhos ou as dificuldades encontradas?

(Resposta longa)

16. Quais são as condições necessárias para desenvolver as práticas restaurativas e círculos de construção da cultura da paz?

(Resposta longa)

17. Acrescente comentários, se desejar, acerca do estudo. Desde já agradeço pela colaboração no estudo. Eu sou, porque nós somos - UBUNTU!

(Resposta longa).

¹² Questões que apresentam o asterisco são obrigatórias para concluir o questionário.

ANEXO 2

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Prezado/a Senhor(a) _____

Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas de um questionário de forma totalmente voluntária e sigilosa.

O questionário consiste em um dos instrumentos de coleta de dados, da pesquisa abaixo descrita, para a redação de um artigo, requisito para a conclusão no curso de especialização em Justiça Restaurativa e Mediação de Conflitos no âmbito Público e Privado – FADISMA, no qual sou aluna.

Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder ao questionário é importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.

- A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar.
- Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.
- Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento do questionário que será informado, abaixo, o endereço eletrônico para acessar, respondendo às questões conforme seu entendimento.
- Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, possibilitando que se conheça mais sobre práticas restaurativas e círculos de construção da cultura da paz, bem como poderá demonstrar as fragilidades e potencialidades da utilização dessas práticas no âmbito do IFFar.
- Riscos: O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.
- Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pela pesquisadora e orientadores responsáveis pela pesquisa, abaixo descritos. Os colaboradores da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Detalhamento do estudo:

TÍTULO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO DO INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA SOBRE AS PRÁTICAS RESTAURATIVAS

ORIENTADOR: Prof. Clodoveo Ghidolin

COORIENTADORA: Prof^a. Isabel Cristina Martins Silva

Pesquisadora: Nadia Beatriz Casani Belinazo

Telefone: (55) 9 9712 0112

E-mail: nadia.belinazo@gmail.com

Instituição: FADISMA

Curso: ESPECIALIZAÇÃO EM JUSTIÇA RESTAURATIVA E MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO ÂMBITO PÚBLICO E PRIVADO.

Resumo da pesquisa: O estudo tem a intenção de conhecer as representações sociais dos Técnicos Administrativos em Educação (TAE), do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar), que fizeram o curso Básico de Mediação de Conflitos e Comunicação Não Violenta, no primeiro semestre, do ano de 2018, no que se refere às práticas restaurativas. A questão que se apresenta é: Quais foram (se tiverem) as alterações das Representações Sociais dos TAEs, do IFFar, no que se refere às práticas restaurativas? Justifica-se esta pesquisa pela relevância da temática no que se refere ao tratamento de conflitos, proposição de práticas restaurativas e construção de uma cultura de paz em todos os ambientes, principalmente no meio educacional.

- Para participar da pesquisa basta acessar o endereço abaixo, responder ao questionário e clicar em enviar.
- Endereço eletrônico do questionário:
<https://forms.gle/ATYdaTC9JtDL29wL7>

Declaro que estou ciente com o que foi exposto. Eu _____ estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento, que enviarei de forma digitalizada, para o endereço eletrônico da pesquisadora, ficando com a posse do arquivo original.

Data: ____ de _____ de 2019.

Assinatura: _____

Nome: _____

DECLARAÇÃO

Eu, Nadia Beatriz Casani Belinazo, pesquisadora e aluna do **Curso de Especialização em Justiça Restaurativa e Mediação de Conflitos no Âmbito Público e Privado – FADISMA**, declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento livre e esclarecido deste colaborador/a ¹³ para a participação neste estudo.

Santa Maria, 11 de junho de 2019.

Assinatura

¹³ Troca pelo nome do colaborador/a